Boletim Paulista de Geografia

AGB SÃO PAULO DESDE 1934

Dossiê
Geografia e Marxismo

Traduzir Lefebvre*

Sérgio Martins

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
sergiomartins@ufmg.br



Boletim Paulista de Geografia

Ano: 2026

N°: 116

* Texto apresentado em junho de 2026 por ocasião do lançamento do livro *Tempo de equívocos*, na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Agradeço à professora Juliana Luquez pelo convite.

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

Traduzir Lefebvre

Resumo

O texto trata da tradução da obra de Henri Lefebvre. Tomando como ponto de partida sua própria recepção da obra lefebvriana, o autor aborda criticamente a apreensão fragmentária dessa obra em função de seu enquadramento na e pela divisão do trabalho intelectual. Nesse percurso, o texto destaca a importância do projeto (e processo) tradutório como modo de leitura, estudo, pesquisa e reescrita.

Palavras-chave: Henri Lefebvre; Tradução; Estudo e pesquisa; Reescrita.

Translating Lefebvre

Abstract

The article addresses the translation of Henri Lefebvre's work. Taking the author's own reception of Lefebvre's work as its starting point, it critically examines the fragmentary reception of this work as a function of its framing within and by the division of intellectual labor. In this process, the article highlights the importance of the translation project (and process) as a mode of reading, study, research, and rewriting.

Keywords: Henri Lefebvre; Translation; Study and research; Rewriting.

Traducir a Lefebvre

Resumen

El texto aborda la traducción de la obra de Henri Lefebvre. Tomando como punto de partida su propia recepción de la obra lefebvriana, el autor aborda críticamente la recepción fragmentaria de esta obra en función de su encuadramiento dentro de la división del trabajo intelectual y de las determinaciones que esta impone. En este recorrido, el texto destaca la importancia del proyecto (y proceso) traductor como modo de lectura, estudio, investigación y reescritura.

Palabras-clave: Henri Lefebvre; Traducción; Estudio e investigación; Reescritura.

Henri Lefebvre viveu praticamente todo o século passado e nos deixou uma obra monumental que compreendeu cerca de 70 livros, nos quais abordou uma diversidade de temas referentes à constituição e desenvolvimento do mundo moderno. A recepção de sua obra, porém, ocorreu de diferentes maneiras em diferentes momentos. Nosso trabalho de tradução é parte dessa história, e é precisamente sobre isso que gostaria de lhes falar.

De certo modo, começamos a enunciar tal projeto (e processo) nos prefácios e anexos aos três livros até agora por nós traduzidos. No primeiro parágrafo do prefácio a *Tempo de equívocos*, por exemplo, aludo às minhas primeiras incursões na obra de Marx, mediadas justamente pela leitura de Lefebvre. Naquele longínquo ano de 1990, li três de seus livros: *O marxismo*, *Problemas atuais do marxismo* e o próprio *Tempo de equívocos*. E, ainda nesse prefácio, assinalo que logo me dei conta de que estava diante de algo maior e melhor que um mero comentador da obra marxiana, ou, no limite, o contrário de um dogmático. Afinal, o próprio Lefebvre afirmava n'*O marxismo* que o leitor, a menos que pretendesse que outro mastigasse sua comida, deveria dirigir-se, de preferência e em primeiro lugar, aos textos do próprio Marx. Referindo-se exatamente a esse pequeno livro, Ludovico Silva (1978) qualificou-o como "não manualesco", por não oferecer receitas para ler Marx, ao mesmo tempo em que convidava a lê-lo em seu estilo vibrante e sob a clareza mediterrânica de sua prosa. Posso afirmar, portanto, que Lefebvre foi fundamental para a minha iniciação na arte da leitura, para a qual, como dizia Schopenhauer, é preciso ter clara a necessidade da arte da não leitura: "A condição para ler obras boas é não ler obras ruins, pois a vida é breve, e o tempo e as forças são limitados." ([1851] 2005, p. 102). Talvez pudesse compará-lo ao poeta que guiou Dante n'*A divina comédia*, mas tal analogia implicaria atribuir a Lefebvre um papel que ele nunca desempenhou, ou seja, o de guia ao reino dos mortos. Em sua trajetória intelectual, ele não apenas combateu o dogmatismo, essa "expressão de um pensamento vulgarizado e esquematizado, [que] suprime os problemas porque acredita que estão eternamente resolvidos" ([1958], 1977, p. 19), como convidava seus leitores a incursionar numa obra e num pensamento vivos, tornando necessário ir com Marx além

de Marx. Ou, como observo, Lefebvre opôs-se ao marxismo mumificado, que salmodiava verdades supostamente indiscutíveis como se fossem pensamentos, ao mesmo tempo em que se servia do léxico marxiano tanto para dissimular sua indigência teórica quanto para esmagar o pensamento crítico. Em contrapartida, Lefebvre buscou vivificar o pensamento de Marx restituindo-o em sua formação, seu movimento e desenvolvimento, seu alcance e limites, buscando, portanto, situar seu nascimento no seio da história, das lutas contra as cisões e os embotamentos do homem enquanto totalidade. A rigor, na trajetória lefebvriana a obra de Marx não é origem, tampouco limite, mas fonte. Trata-se, portanto, de um retorno a Marx, mas não ao marxismo como sistema filosófico acabado, pois isso apenas reiteraria a alienação filosófica que transforma as lutas reais em embates ideais, mais ocupada com os diferentes modos de interpretar o mundo que com as condições para transformá-lo. Tal retorno implica defrontar o acervo intelectual legado por Marx com as condições e situações contemporâneas, com os novos conjuntos de problemas, com as novas contradições que, desdobrando-se das anteriores, ratificam-nas, potencializam-nas e seguem movendo o mundo às nossas custas e às nossas costas, arrastando-nos em seu curso. O retorno a Marx está, portanto, indexado à tarefa de ir além de Marx sem abandoná-lo. Trata-se de atualizá-lo. Nas palavras do próprio Lefebvre, logo no início de *Tempo de equívocos*:

> um movimento contínuo atravessa o conjunto de minha obra; pretendi restituir a teoria de Marx em sua integralidade e amplitude. E, simultaneamente, buscar o *aggiornamento* do pensamento marxista num mundo que mudou muito em um século. O materialismo histórico e o materialismo dialético, tão potentes no plano teórico, não podem ser mantidos dogmaticamente. (Lefebvre, [1975] 2025, p. 36).

No Brasil, a recepção da parte da obra lefebvriana mais diretamente referida à de Marx insinuou-se bem antes de nosso trabalho, obviamente, por meio de outros estudiosos, pesquisadores, tradutores. Se tomarmos as traduções como um indício de tal recepção, basta lembrar que a primeira edição brasileira d'*O marxismo* é de 1955 (sete anos após a primeira edição francesa), e a de *Sociologia de Marx* é de 1968 (dois anos depois de sua publicação na França). É verdade que livros como *Lógica formal/lógica dialética* também foram traduzidos por aqui, mas se considerarmos a parte da obra lefebvriana mais detida na obra de Marx, e que permanece sem tradução – desde *Le*

matérialisme dialectique (de 1939), até *Une pensée devenue monde*. Faut-il abandonner Marx? (de 1980) -, veremos que tal recepção ficou, como disse, apenas esboçada. E não apenas a parte da obra referida a Marx e ao marxismo, como também aquelas referidas à vida cotidiana, ao espaço, à filosofia, à história... foram pouco traduzidas. Ou seja, o conjunto da obra foi e continua insuficientemente traduzido, e, portanto, pouco difundido no Brasil.

No entanto, se a recepção da obra marxiana por Lefebvre se deu de modo diferente e contrário ao da mutilação efetuada, por exemplo, pelos estruturalistas, a própria obra lefebvriana foi recepcionada de maneira compartimentada, segmentada. Ele próprio expressou seu desacordo quanto a isso:

> Dentre o que escrevi e publiquei, frequentemente ocorre – até meus amigos o fazem – que setores sejam tomados separadamente: o que concerne ao marxismo, o que pertence à vida cotidiana, o que trata do espaço, aí incluídos a arquitetura, o urbanismo etc. Não estou de acordo com essas fragmentações: um movimento contínuo atravessa o conjunto de minha obra. (Lefebvre, [1975] 2025, p. 36).

Em ampla medida, tal apreensão fragmentária decorre das tentativas de enquadramento das temáticas por ele abordadas nos limites da divisão do trabalho intelectual. Entre os geógrafos, assim como dentre os que se ocupam da urbanização moderna e contemporânea, por exemplo, Lefebvre não raro é conhecido sobretudo por meia dúzia de livros (como *O direito à cidade, A revolução urbana,* as coletâneas de textos intituladas *Espaço e política* e *Do rural ao urbano*, chegando a *A produção do espaço*) nos e pelos quais o autor tratou de temas reivindicados por especialistas para serem abordados segundo as determinações de suas respectivas especialidades. Mesmo entre estudiosos que incursionaram nessa obra para além desse conjunto de textos, frequentemente nos deparamos com tal recepção redutora.

Tomemos um exemplo: refletindo sobre o encasulamento do pensamento geográfico decorrente de sua acomodação ao papel de disciplina eminentemente descritiva da superfície terrestre (de acordo com as interações de processos e fenômenos não raro melhor analisados noutros campos disciplinares) e sobre a subordinação e obscurecimento da interpretação geográfica do mundo moderno, Edward Soja concluiu que “ser rotulado de geógrafo era uma maldição intelectual, uma associação aviltante

com uma disciplina acadêmica tão distanciada das grandes matrizes da teoria social e da filosofia modernas, que se afigurava fora do âmbito da importância crítica" ([1989] 1993, p. 28). Em linhas gerais, não há por que discordar de tal juízo. Porém, em sua tentativa de reafirmar o espaço na teoria social crítica, no âmbito da qual a própria geografia poderia sair de sua introversão, Soja não hesitou em considerar como geógrafos pós-modernos autores como Henri Lefebvre, Michel Foucault, dentre outros. Caberia indagar por que não o próprio Marx. Afinal, Lefebvre demonstrou, em *La pensée marxiste et la ville* (cuja tradução brasileira foi publicada sob o inusitado título *A cidade do capital*) - faltou mencionar este para que a meia dúzia de livros não fique reduzida a cinco -, que, se não o espaço, ao menos a cidade encontra-se longe de ser um mero "complicador desnecessário" na obra marxiana. Enfim, e para usar uma frase de Wright Mills apreciada por Soja, se "para o sapateiro o couro é tudo", os compromissos epistemológicos do geógrafo obrigaram-no a constranger todos os que encontrou em seu caminho a andarem no penoso passo permitido por seus calçados pós-modernos.

Obviamente, é preciso considerar inúmeras outras condições, limites e possibilidades que se impõem à prática da leitura tal como reivindicada por Nietzsche ao final do prólogo de seu *Genealogia da moral*: "faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido [...], para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um 'homem moderno': o *ruminar*..." ([1887] 2008, p. 15, ênfases do autor). De fato, é preciso reconhecer que numa época como a nossa falta tempo para pensar. "Com o enorme aceleramento da vida, o espírito e o olhar se acostumam a ver e julgar parcial ou erradamente, e cada qual semelha o viajante que conhece terras e povos pela janela do trem." ([1878] 2007, p. 175). O que dizer em tempos de internet, das chamadas redes sociais, de inteligência artificial e de tantas outras facilidades para a circulação de informações, mas que, não raro, embotam o pensamento?

Em *Escola de tradutores*, Paulo Rónai afirma ter encontrado uma das melhores definições de tradução "no prefácio da versão espanhola de *Ulysses*: 'Traduzir é a maneira mais atenta de ler.'." ([1952] 2012, p. 91). Com Pedro Denski, ex-orientando de graduação e pós-graduação, muito aprendi e continuo aprendendo que traduzir é

também um outro modo de estudar. Num breve ensaio, Giorgio Agamben efetuou uma distinção esclarecedora entre estudo, enquanto condição permanente, a ponto de se tornar um modo de vida, e pesquisa, que, ao menos na filosofia e nas chamadas ciências humanas, ocuparia uma posição subsidiária em relação àquele. Em suas palavras:

> pode-se definir o estudo como o ponto em que um desejo de conhecimento atinge sua máxima intensidade e se torna uma forma de vida: a vida do estudante – melhor, do estudioso. Por isso – ao contrário do que está implícito na terminologia acadêmica, na qual o estudante é um grau mais baixo em relação ao pesquisador – o estudo é um paradigma cognoscitivo hierarquicamente superior à pesquisa, no sentido que esta não pode atingir seu objetivo se não é animada por um desejo e, uma vez que o atinge, só pode conviver estudiosamente com este, transformar-se em estudo. (Agamben, 2017, ênfases do autor)

Foi precisamente nesse sentido que se orientaram as traduções publicadas pela Editora UFMG, embora a consciência disso só tenha aflorado, ao menos para mim, a partir da segunda edição da tradução de *Espace et politique*. Explico-me: em 1995, com Margarida Maria de Andrade, professora do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, traduzi *La révolution urbaine*. Em 1999 a Editora UFMG publicou nossa tradução. Alguns anos mais tarde, pela mesma editora, foi a vez da tradução de *Espace et politique*.

Marx dizia que só aprendemos uma outra língua quando esquecemos a língua materna e passamos a pensar naquela que buscamos aprender. No meu caso, tenho de admitir que Cervantes é quem estava certo: pensamos de acordo com a língua que mamamos no leite! Esse foi o primeiro objetivo dessas primeiras traduções: compreender mais e melhor Henri Lefebvre fazendo-o falar na variante atual e brasileira da língua portuguesa. Tratava-se, portanto, de fazer um estrangeiro falar de outro modo, noutra língua. Tecnicamente falando, trata-se da tradução interlingual, o que, neste caso, não apresentava grandes dificuldades: Lefebvre escreveu em língua francesa, cuja interlegibilidade com a portuguesa é bastante elevada. Não menos importante: como Lefebvre viveu por quase todo o século XX, não se tratava de traduzir textos vazados num francês como o de Rabelais, que coloca dificuldades para os próprios franceses contemporâneos. Como o Pedro nos lembra, Lefebvre escreveu manifestos, como *O direito à cidade* e *Manifesto diferencialista*; um romance de formação, *A soma e o resto*;

uma elegia, *Pirineus*; poemas, que introduziu entre os capítulos de *A soma e o resto;* diálogos, como o que termina *Introdução à modernidade*. Fugas, como *Hegel, Marx, Nietzsche*; trípticos: *Introdução à modernidade (Prelúdios) – Metafilosofia (Prolegômenos) – O fim da história (Epilegômenos)*. Em suma, Lefebvre escreveu! Não se trata, portanto, de efetuar traduções intersemióticas, de verter, em texto, uma pintura, um filme, uma dança... E escreveu em prosa. Não é difícil imaginar as dificuldades caso Lefebvre tivesse escrito, como Apollinaire, em caligramas. As condições são, portanto, favoráveis à transcriação, à reescrita de seus textos na língua de chegada.

Reescrever? Sim, pois o texto vertido é também do tradutor. "O sujeito da tradução opera o trabalho do traduzir que gera um texto seu. Mas esse trabalho se faz a partir da leitura de um texto que não é seu, leitura que é uma expedição às profundezas do texto alheio para roubar-lhe a centelha viva do fogo sagrado: a significância." (Laranjeira, 1993, p. 124). Ou, nas palavras de Paulo Bezerra:

> o processo tradutório é um processo criador e, por consequência, a tradução também é criação, pois nela interagem duas instâncias criadoras – o autor do original e seu tradutor. Este parte de uma criação já concluída e a transforma [...] em uma obra segunda mas de valor equivalente, cuja realização exigiu um grau de criatividade diferente daquele empregado pela primeira instância criadora, mas, por certo, não inferior como criatividade. Porque o tradutor sempre é levado a escarafunchar os desvãos de sua língua, sua riqueza vocabular, seu manancial de ditos e provérbios, suas formas de linguagem gestual, enfim, seus múltiplos recursos semânticos e morfossintáticos na tentativa de resolver problemas similares que o original lhe impõe. Ele sabe que trabalha com uma obra acabada, que precisa dar nova vida a essa obra, precisa realizar uma operação de Caronte, [...] mas de tal forma que as personagens do barco-texto não percam a memória e a obra atravesse a contento o seu Estige, chegando viva à outra margem: à língua e à cultura de chegada, do tradutor. Para construir essa travessia, o tradutor tem de passar por um processo criador semelhante ao vivido pelo autor do original, guardadas, é claro, as devidas diferenças e especificidades. (2012, p. 47)

Consideradas nessa perspectiva, nossas duas primeiras traduções – *A revolução urbana*, de 1999, e *Espaço e política*, de 2008 – começaram a nos parecer mais ou menos como a definição dada por Cervantes, no segundo livro de Dom Quixote, a certas traduções: "é como olhar as tapeçarias flamengas pelo avesso, que por mais que se vejam as figuras, são cheias de fios que as obscurecem e não se vêem com a lisura e lustre da face." ([1615] 2007, p. 736). Na nota à segunda edição de *Espaço e política*, refiro-me a um verdadeiro rasgo nessa tapeçaria:

> Vários meses haviam se passado desde a publicação da primeira tradução de *Espaço e política*, quando, no curso de uma aula, resolvi dela citar aos alunos uma passagem, mais precisamente um parágrafo da Introdução. Estupefato, constatei que entendê-lo, desentranhando-lhe o sentido e o significado, nem o próprio Lefebvre conseguiria, caso ressuscitasse somente para isso. Uma linha inteira encontrava-se ausente do parágrafo, tornando-o incompreensível. Impunha-se (mais) uma revisão à tradução. A explicação, porém, desse mau sucesso jamais por nós foi alcançada. Seguros – eu e Margarida – de que nossas infindas leituras e releituras do texto original, cotejando-o com aquele por nós vertido, mantiveram-nos distantes da incúria, o desacerto tampouco nos parecera atribuível ao diligente trabalho dos revisores da Editora UFMG. Como não havia por que arguir nem concluir, apaziguava meu espírito creditando o infortúnio a algo de demoníaco que habita os computadores, quando Pedro Denski – que a nós se juntou nesta segunda edição – lembrou do propósito original do projeto de tradução da obra lefebvriana. De fato, em vez de nos entregarmos a essa arte e exercício com o ascetismo de monges copistas, há muito que, a exemplo do mestre Alcofribas Nasier – o anagramático autor-personagem de *Gargântua e Pantagruel* (tão caro a Lefebvre a ponto de os clérigos de seu tempo acusarem-no de herético por seu revisionismo rabelaisiano) –, muito nos temos regalado com o mundo que a exploração dessa obra nos abrira e, mediante a tradução, a se abrir prossegue, na medida em que nele nos embrenhamos. Alcofribas, como nos fez saber por seu próprio relato, percorrera a bocarra de Pantagruel a se espantar e se maravilhar com o mundo até então ignoto que nela encontrara. No decorrer dessa fantástica morada e jornada, dera refeição ao seu corpo e à sua alma escolhendo o que comer e beber dentre aquilo que à pantagruélica boca chegava. Mais de seis meses depois, ao dela sair e participar ao intrigado gigante o destino pouco asséptico que dera aos restolhos do governo de suas tripas nesse interlúdio, é por ele interpelado: 'De onde vens Alcofribas?'. Ao que responde o solicitado: 'De vossa garganta, senhor.'. 'E há quanto tempo estavas lá? disse ele. – Há mais de seis meses. E do que vivias? O que bebias? – Do mesmo que vós, senhor, e dos pedaços menores que passavam por vossa garganta eu escolhia alguns. – Eu sei, disse ele, mas onde cagavas? – Em vossa garganta senhor. – Ah, ah! és bem divertido, disse ele'."[*] (Martins, 2016, p. 17-18).

Algo, portanto, não cheirava bem, o que nos serviu de alerta para a existência de incorreções tradutórias ao longo do livro. Felizmente, não foram tantas como temíamos. Mesmo assim, além de prover o desditoso parágrafo da linha da qual fora amputado, eu e Margarida, e a partir de então já com o Pedro, acabamos por levar a cabo uma nova e completa tradução do livro. Mais importante, porém, do que a correção de erros foi a clareza quanto ao projeto de tradução, dos estudos e pesquisas de que ele é condição e resultado. É o que o Pedro explica nas notas que abrem a segunda e a terceira edições de *A revolução urbana*. Na segunda edição, ocupamo-nos de revisar a primeira. Assim,

[*] O leitor atento verificará que o trecho após "nesse interlúdio" não consta no original.

> Reparamos imprecisões, suprimimos galicismos, polimos o estilo; acrescentamos notas de tradução e desenvolvemos algumas das já existentes. Em outras palavras: substituímos, eliminamos ou aprimoramos elementos que prejudicavam o uso do instrumento que nos foi legado por Lefebvre; uma vez que a performance ótima de alguns elementos depende de instrução suplementar, procuramos provê-la ao leitor. (Denski, 2019, p. 8).

É, contudo, na nota à terceira edição que nosso projeto de estudos, e da pesquisa por ele requerida, é melhor explicado:

> A partir da publicação da segunda edição da tradução de *Espace et politique*, traçamos como meta apresentar ao leitor também materiais complementares: em Espaço e política foram publicadas, em tradução inédita, as intervenções de Lefebvre no Universitas Project, seminário mencionado em um dos capítulos do livro. Nosso projeto de tradução das obras de Lefebvre envolve, há vinte anos, a leitura do conjunto de sua produção (livros, ensaios, entrevistas), bem como a pesquisa de suas fontes e de seus comentadores. Frequentemente nos deparamos com textos de Lefebvre inéditos em língua portuguesa e de difícil acesso. Quando percebemos neles vínculos com as obras que pretendemos traduzir, avaliamos a sua publicação como anexos delas. (Denski, 2025, p. 7).

Se considerarmos, então, a publicação de livros como *Éléments de rythmanalyse*, em 1992, logo após o falecimento de Lefebvre, o "manuscrito encontrado em Saragoça" por Lukasz Stanek em 2014, bem como o mencionado anexo à segunda edição de *Espaço e política* e o publicado agora em *Tempo de equívocos* (a transcrição e tradução de entrevista radiofônica concedida por Lefebvre no mesmo ano da publicação do livro), veremos que Lefebvre legou-nos extensa obra da qual ainda são feitas descobertas passados quase quarenta anos de sua morte.

Para terminar, retomo o início desta exposição. Afirmei que, para mim, Lefebvre foi importante, num primeiro momento, pelo convite a incursionar num marxismo vivo, distinto da fossilização difundida e defendida pelos dogmáticos. O mesmo vale para a tradução. Traduzir não consiste simplesmente em transportar algo de uma margem a outra, no caso, o conteúdo de um livro de uma língua a outra. Essa acepção, presente na metáfora do tradutor como um barqueiro, é, como já observado, redutora. "Caronte também é um barqueiro. Mas ele faz atravessar os mortos." (Meschonnic, [1999] 2010, p. XXV).

Ao final do prefácio de *Tempo de equívocos*, afirmo que o livro é um convite a incursionar na obra de Lefebvre e buscar desenvolvê-la tendo em vista as questões que se

colocam para nós, no tempo e lugar em que vivemos. Aceitar esse convite implica recusar uma recepção escolástica de sua obra, pois, como dizia Nietzsche, "Não se deve freqüentar igrejas, quando se deseja respirar *ar puro*". ([1886] 2005, p. 35). A obra lefebvriana merece ser lida, estudada e traduzida em virtude de sua contemporaneidade, e não para oferecer algo inerte e assim fortalecer velhos ou novos dogmatismos, pois a elaboração conceitual que importa é a que permite e exige escrutinar os embates em torno da abertura e efetivação dos possíveis constitutivos do real.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Estudantes**. Trad. Vinícius N. Honesko. 2017. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/567718-estudantes-por-giorgio-agamben

BEZERRA, Paulo. A tradução como criação. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 76, p. 47-56, 2012.

DENSKI, Pedro Henrique. "Nota à segunda edição". In: LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. 2ª ed. Trad. Margarida Maria de Andrade, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

DENSKI, Pedro Henrique. "Nota à terceira edição". In: LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. 3ª ed. rev. e ampl. Trad. Margarida Maria de Andrade, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2025.

LARANJEIRA, Mario. **Poética da tradução**: do sentido à significância. São Paulo: EDUSP, 1993.

LEFEBVRE, Henri. **Le matérialisme dialectique**. 5. éd. Paris, Presses Universitaires de France, [1939] 1962.

LEFEBVRE, Henri. **O marxismo**. 6 ed. Trad. J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1948] 1988.

LEFEBVRE, Henri. **Problemas actuais do marxismo**. Trad. Gilberto Viegas. Lisboa: Ulmeiro, [1958], 1977.

LEFEBVRE, Henri. **La somme et le reste**. 4e éd. Paris: Economica, [1958] 2009.

LEFEBVRE, Henri. **Introduction a la modernité**. Préludes. Paris: Éditions de Minuit, 1962.

LEFEBVRE, Henri. **Pyrénées**. Lausanne: Éditions Rencontre, 1965.

LEFEBVRE, Henri. **Métaphilosophie**. Prolégomènes. Paris: Les Éditions de Minuit, 1965.

LEFEBVRE, Henri. **Le droit à la ville**. 3e ed. Paris: Anthropos, [1967] 2009.

LEFEBVRE, Henri. **La fin de l'Histoire**. Épilégomènes. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970.

LEFEBVRE, Henri. **Du rural à l'urbain**. Paris : Anthropos, 1970.

LEFEBVRE, Henri. **Manifeste différencialiste**. Paris: Galimard, 1970.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. 3ª ed. rev. e ampl. Trad. Margarida Maria de Andrade, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, [1970] 2025.

LEFEBVRE, Henri. **La fin de l'histoire**. 2e éd. Paris: Anthropos, [1970] 2001.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. O direito à cidade II. 2ª ed. rev. e ampl. Trad. Margarida Maria de Andrade, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, [1972] 2016.

LEFEBVRE, Henri. **La pensée marxiste et la ville**. 3e éd. Paris: Casterman, [1972] 1978.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, [1974] 2000.

LEFEBVRE, Henri. **Hegel - Marx - Nietzsche ou le royaume des ombres**. Paris: Casterman, 1975.

LEFEBVRE, Henri. **Tempo de equívocos**. Trad. Pedro Denski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, [1975] 2025.

LEFEBVRE, Henri. **Une pensée devenue monde**. Faut-il abandonner Marx? Paris, Fayard, 1980.

LEFEBVRE, Henri. **Éléments de rythmanalyse**. Introduction à la connaissance des rythmes. Paris: Syllepse, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **Toward an architecture of enjoyment**. Trad. Robert Bononno. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2014.

MARTINS, Sérgio. "Nota à segunda edição". In: LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. O direito à cidade II. 2ª ed. rev. e ampl. Trad. Margarida Maria de Andrade, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, [1999] 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. 2ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, [1878] 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, [1886] 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**: uma polêmica. 11ªreimp. São Paulo: Companhia das Letras, [1887] 2008.

RABELAIS, François. **Gargântua e Pantagruel**. Trad. David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, [1534-1564] 2003.

RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores**. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, [1952] 2012.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha**. Trad. Sergio Molina. São Paulo: Ed. 34, [1615] 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o ofício do escritor**. Trad. Eduardo Brandão e Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Martins Fontes, [1851] 2005.

SILVA, Ludovico. **Anti-manual para uso de marxistas, marxólogos y marxianos**. 3 ed. Caracas: Monte Ávila Editores, [1975] 1978.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [1989] 1993.

Como citar este artigo:

MARTINS, Sérgio. Traduzir Lefebvre. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 116, p. 102-115, 2026. DOI: https://doi.org/10.61636/fa7zdb97

Recebido em 10 de dezembro de 2025

Aceito em 22 de setembro de 2026

Sobre o autor: Graduado (bacharel) em Geografia (1988), mestre em Geografia Humana (1993) e doutor em Geografia Humana (1999) pela Universidade de São Paulo. Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, no qual ingressou em 1996, e do Programa de Pós-graduação em Geografia da instituição desde 1999. Desenvolve e orienta pesquisas sobre as (im)possibilidades da urbanização brasileira, particularmente da metropolização

Editoração:

Thell Rodrigues

Igor Carlos Feitosa Alencar